

João Machado Vaz, *Schizophrenia, Minkowski, & Bergsonism*, (MLAG Discussion Papers) Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto 2018; 311 p.; ISBN 978-989-54030-0-4.

Homens que são como lugares mal situados  
Homens que são como casas saqueadas  
Que são como sítios fora dos mapas

Daniel Faria

Face a face com Eugène Minkowski, depois da leitura de *Schizophrenia, Minkowski, & Bergsonism* de João Machado Vaz, demoram-se algumas questões. O que nos resta face à inconsistência do método, à negligência da *res extensa* e à subsunção da memória à *massa do esquecido*? O que nos resta face à insistência na amputação dos contributos da fisiologia, da biologia e da psicologia na tentativa de modesta aproximação à incomensurabilidade do humano? Será viável uma compatibilidade concetual entre, por um lado, a busca pela *forma*, na senda do sentido husserliano da necessidade de darmos conta das estruturas da consciência nas quais os objetos se dão e significam e, por outro lado, a busca da ação ética à luz da *simpatia* universal de Max Scheler? Ou estaremos, pelo contrário, na queda em direção a considerações parafenomenológicas, aquando da tentativa de descrição das experiências subjetivas relativas a perturbações de ordem mental do sujeito?

A irredutibilidade do psicopatológico ao nosográfico, ou seja, a busca pelo humano, cuja razão sofreu uma investida, está presente, tanto no inquérito de ordem filosófica e clínica de E. Minkowski, como no texto de João M. Vaz nas críticas tecidas a Minkowski relativas a incongruências metodológicas, neste caso, no seu uso do método fenomenológico, a par de uma abordagem de carácter impressionista da filosofia que, contudo, de acordo com João M. Vaz, não invalida a contribuição de Minkowski para os estudos de psicopatologia fenomenológica, mais precisamente, a sua teorização sobre a essência da esquizofrenia, o *trouble générateur*, que aqui consiste na perda de contacto vital com a realidade – desarmonia do ciclo do *élan personnel* – e no conseqüente déficit pragmático por parte do paciente. Em sequência, torna-se importante referir a influência da *Lebensphilosophie* de Henri Bergson no pensamento de E. Minkowski, em particular o conceito de *élan vital*, o qual comporta uma ontologia do movimento da vida e da matéria em constante evolução e criação, dividindo-se em inteligência e intuição numa

interação harmoniosa. O élan vital, enquanto modo existencial, é central para Minkowski na caracterização da esquizofrenia enquanto processo que reflete a perda desse contacto vital por parte do paciente, ou seja, da essência da vida e de direcionamento ao futuro, que se deseja em fluxo constante, permitindo a orientação do sujeito na realidade e no seu contacto com o ambiente em permanente devir – *devenir*. De facto, no sujeito saudável, o contacto a nível subjetivo e intersubjetivo pressupõe a presença de um ritmo em uníssono, partilhável, sincrónico e sempre dinâmico, remissivo às noções de esquizoidia e sintonia de E. Bleuler e que enformam o pensamento de Minkowski, sendo que, nestes moldes, a esquizofrenia apresentar-se-ia como dessincronização, ruído e perda da orientação em relação ao futuro. Contudo, de acordo com João M. Vaz, a aproximação de Minkowski a H. Bergson é problemática, pois Minkowski exclui a memória da sua noção de contacto vital e de tempo vivido, ou seja, tempo-qualidade, fazendo emergir a seguinte questão: como pode a estrutura temporal da consciência ser independente da memória ou de qualquer outra função psicológica? De acordo com João M. Vaz, a decisão de Minkowski em não considerar a teoria da memória de Bergson fá-lo correr o risco de cair em inconsistências internas, no que diz respeito à constituição da natureza temporal da consciência, levando, como refere o autor, à desnaturalização da *Lebensphilosophie* de H. Bergson. Minkowski opta, assim, por desenvolver a sua fenomenologia do tempo ao abrigo da noção de intuição da sucessão que nos dá a ideia de continuidade, atribuindo um papel central ao futuro em detrimento do passado nas suas considerações sobre o tempo vivido. Por outro lado, não podemos esquecer que H. Bergson pensa a subjetividade humana, tendo o corpo como mediador entre Eu e mundo, ao passo que Minkowski, na sua teorização sobre o espaço vivido, descarta o corpo e a experiência do espaço real quase na sua totalidade. Contudo, se os dados senso-motores são colocados em segundo plano e o espaço vivido não é experimentado por meios sensoriais, dada a relutância de Minkowski em aceitar as contribuições da psicologia e da fisiologia, como João M. Vaz salienta, tal noção de espacialidade pouco depende da própria experiência do espaço real, o que aliado às considerações tecidas sobre a natureza temporal da consciência, igualmente desprovida do papel da memória, deixa Minkowski nas cercanias do solipsismo. É neste momento que chegamos a uma encruzilhada no entendimento do pensamento de Minkowski que, de acordo com João M. Vaz, só se desnoda com uma abordagem histórica que vá para além de uma análise exclusiva dos pressupostos filosóficos do autor e, para tal, recorreremos à influência da visão das essências de Husserl e da *simpatia* e *fellow-feeling* em

Max Scheler no pensamento de Minkowski, como nos são apresentadas por João M. Vaz.

O inquérito desenvolvido por Minkowski à psicopatologia e fenomenologia da esquizofrenia tem por base uma abordagem eidética do mental, ou seja, e na senda da fenomenologia husserliana, a procura do fenómeno puro, o *ver puro* que se obtém por meio da redução fenomenológica para a determinação de tudo o que é imanente, aí alcançando a objetividade das essências enquanto dados absolutos. Cabe assim à fenomenologia, por via da pura intuição, dar conta das estruturas *a priori* da consciência, o que para Minkowski se traduz nos aspetos estruturais da doença mental, ou seja, como refere João M. Vaz, para Minkowski a psicopatologia é uma visão das essências, é a procura da forma que subjaz às perturbações do paciente, sendo que estas perturbações são, como refere Minkowski, fenómenos essenciais da existência no fio da navalha da perda e do sofrimento, sendo que tal remete inevitavelmente para a sua postura ético-humanista, perpassada pela busca da ação ética à luz da simpatia universal de Scheler. Tal ajuda-nos à elucidação respeitante à predominância do futuro, a par das considerações sobre o carácter intangível e transversal do bem no pensamento de Minkowski. Ainda voltando a Husserl, e às suas noções de *expressão* e *significação*, João M. Vaz ressalta o paralelismo estabelecido por Minkowski entre as duas noções husserlianas e a relação respetiva entre sintomas e patologia, sendo que os *atos que preenchem a significação*, enquanto atos fenomenológicos constituintes do objeto, são os que interessam a Minkowski, pois fazem emergir a natureza da patologia e permitem ir para além da sintomatologia manifesta. Podemos ilustrar este paralelismo com o seu diagnóstico por penetração e a procura da essência da psicopatologia envolvendo, ao mesmo tempo, a relação de simpatia – *flow of sympathy* – com o paciente, o que nos permite ir ao reencontro da noção de déficit pragmático, acima referida, em paralelo com a asserção de Minkowski – *Eu sei tudo sobre ele* – que se contrapõe ao *desconhecido*, enquanto essência do humano e que alimenta a empatia e o mútuo entendimento para lá das fronteiras de tudo o que é inteligível ou finito. Ou seja, descodificar alguém na totalidade é esbarrar no limite que mina a essência do humano e que Minkowski ilustra com o desaparecimento da privacidade e da complexidade do mental, quando descreve um dos seus casos clínicos. É a riqueza do *desconhecido* do Outro que alimenta a relação interpessoal. Assim, a total penetração na personalidade do indivíduo é constatação do seu empobrecimento e a abertura de uma brecha na esfera interpessoal, na qual o clínico percebe a emergência do nada que progressivamente engole o sujeito preso na sua hiperracionalidade,

arrancando-o ao élan vital. Assim, em contraponto, compreendemos a presença de um reduto insondável que subjaz à incomensurabilidade do humano e que, de acordo com Minkowski, é incapturável pelas ciências empíricas. De facto, como refere João M. Vaz, a escolha da abordagem eidética por Minkowski constitui a sua tentativa de, pondo em evidência a natureza da patologia, devolver ao paciente a sua incomensurabilidade e tal encerra não só toda a personalidade do sujeito como a sua intersubjetividade. No equacionamento histórico que nos é oferecido por João M. Vaz, compreendemos a necessidade de ir para além da análise estrita do método fenomenológico desenvolvido por Minkowski e incluir a sua perspetiva relativa aos limites da ciência e dos perigos da instrumentalização via tecnologia, a par da sua demanda pelo ético que, embora transbordando as fronteiras da fenomenologia, não deixa de colocar em primeiro plano a *pessoa* mal situada por ação da doença mental. De facto, tal excesso por parte de Minkowski justifica-se na sua abordagem de pendor antropológico à própria fenomenologia, acabando por comportar uma metafísica da moral que perpassa a sua fenomenologia do tempo. Em última instância, e tendo em consideração o inquérito rigoroso que nos oferece João M. Vaz, apesar de possíveis incoerências metodológicas e mesmo concetuais no seu pensamento, E. Minkowski deixa-nos, contudo, a porta aberta a futuros inquéritos relativos à procura do *eidós* das psicopatologias à luz do método fenomenológico, vivamente em busca dos trilhos espiralados dos anjos brancos, ecoando a assertiva exclamação de Louis Lambert do romance homónimo de Honoré de Balzac: «Penser, c'est voir!».

Susana Oliveira  
Mestrado em Filosofia. FLUP